

A ALMA CABOVERDEANA ATRAVÉS DO LIVRO MORNAS DE EUGÉNIO TAVARES

FABIANA MIRAZ DE FREITAS GRECCO*

* Universidade Estadual Paulista –
UNESP.

A

Resumo

morna, gênero poético-musical de Cabo-Verde surgiu entre os séculos XVIII e XIX e é, provavelmente, originária da ilha da Boa Vista. Acompanhada por instrumentos de corda, principalmente pelo violão, a morna revela temas sentimentais, tais como: o amor, a partida, a saudade e a insularidade. Trataremos aqui, de um artigo publicado no jornal *O Eco de Cabo-Verde*, intitulado “A alma caboverdiana no livro *Mornas* de Eugénio Tavares”, escrito por Afonso Correia no ano de 1934. Dele destacaremos e discutiremos a importância da morna e do poeta Eugénio Tavares no cenário cultural cabo-verdiano da década de 1930. Assim, analisaremos uma das críticas sobre o livro mais relevante de Eugénio Tavares, problematizando as questões sobre a morna e a reunião de características próprias da nacionalidade por meio da literatura.

Palavras-chave: Morna; Eugénio Tavares; Cabo Verde; Literatura.

A imprensa em Cabo Verde surgiu aproximadamente no ano de 1842, com o *Boletim Oficial do Governo Geral de Cabo Verde*. Esteve ligada diretamente à instauração de um sistema de ensino, o qual fez crescer o número de leitores e, também, de escritores que tivessem a capacidade de desenvolver a cultura no arquipélago. A partir desse momento, torna-se possível a impressão de livros e periódicos e, portanto, cria-se um público cabo-verdiano, que eleva Cabo Verde aos olhos do império português.

O periódico *O Eco de Cabo Verde* foi fundado em 1932, na cidade de Praia, na ilha de São Vicente, com a redação fixada na Rua Sá da Bandeira, nº 85, mas composto e impresso na Minerva de Cabo Verde. Tinha como redator chefe, diretor, editor e proprietário o advogado Dr. Leão Gomes de Pina. Sua publicação era quinzenal, e poderia ser feita a assinatura, em Cabo Verde (números avulsos 1\$20 ou série de 24 n.ºs

por 28\$00 e 12 n^os por 15\$00), Continente e outras Colônias (avulsos mesmo valor, série de 24 por 33\$00 e de 12 por 17\$00) e Estrangeiro (avulsos mesmo valor, série de 24 por 40\$00 e de 12 por 25\$00).

O conteúdo das publicações do **O Eco de Cabo Verde**, cujo subtítulo era **Em Defesa do Povo Caboverdano**, consistia em denúncias de determinados abusos de empresas industriais e estabelecimentos comerciais contra os seus empregados, denúncia da situação de desprezo por que passava o arquipélago na época por parte da administração colonial, notícias sobre o mundo e, sobretudo, sobre a 2^a Guerra Mundial, artigos que visavam divulgar a cultura e a literatura do arquipélago, como a **Folha Literária**, na qual eram feitas homenagens a diversos poetas e escritores cabo-verdianos e textos que pretendiam divulgar a língua crioula, cujo redator era o também poeta e folclorista Pedro Cardoso.

Leão Gomes de Pina, nascido em S. Filipe, ilha do Fogo, em 1899, licenciou-se em direito pela Universidade de Lisboa e, além de ser diretor e proprietário do jornal **O Eco de Cabo Verde**, foi ex-professor do Liceu Passos Manuel (Lisboa), diplomado pela Escola Superior Colonial, professor secundário diplomado e inscrito em todos os liceus de Lisboa. A sua participação na educação fornecida pelos liceus de Cabo Verde foi efetiva. Em 1933, lia-se em seu jornal a propaganda ao Colégio-Liceu Serpa Pinto, do qual o advogado era também diretor. O anúncio do Colégio-Liceu dizia:

Colégio-Liceu "Serpa Pinto", Director Dr. Leão Gomes de Pina. Este Colégio – o único que existe em toda a Colônia – possui amplas instalações, material didáctico adequado, sendo os seus alunos escrupulosamente instruídos e educados. Ensino Primário. Ensino Secundário. Ensino técnico. Ensino Especial. Educação moral. Educação cívica. Educação física. Pintura e Lavoros. Semi-internato. Internato e externato. Para ambos os sexos. Praia – Cabo Verde. Rua Sá da Bandeira, n^o 83, 85, 87, 89, 91 e 93. (*O Eco de Cabo Verde*, 1933, Out. 1)

Esse fato explica a relação entre a imprensa e a educação no arquipélago, onde o diretor do jornal era também o diretor do Colégio-Liceu. Desse modo, fica evidente a preparação e instrução tanto de um público para o jornal quanto de intelectuais capazes de, por meio da imprensa, divulgarem a cultura cabo-verdiana. Assim, vale acrescentar o que Gomes dos Anjos afirma a respeito dessa relação:

Para parte dessa elite em Cabo Verde, a reprodução do processo de dominação passa pela afirmação da condição de metropolitano, resgatando-se uma mais ou menos longínqua ascendência portuguesa. Porém, outra parte dessa elite inicia o processo de conversão desse capital social assente na raça em capital cultural legitimado por uma trajetória escolar. Para esses últimos, o resgate dos ilustres nativos como sendo legitimamente cabo-verdianos faz parte de um processo de disputa com os quadros metropolitanos, enviados pelas autoridades coloniais. (ANJOS, 2006, p. 57-58)

Nesse cenário é que a obra poética e a figura de Eugénio de Paula Tavares ganhará uma leitura, das várias que se seguiram até a atualidade. No dia 28 de fevereiro do ano de 1934, é publicado o artigo “A alma caboverdeana através do livro *Mornas de Eugénio Tavares*”, escrito por Afonso Correia. Esse artigo tratará da publicação das mornas de Nhô Eugénio (como era tratado o poeta) realizada no ano de 1932, dois anos após a morte do poeta. O texto de Correia está repleto de metáforas, que pretendem elevar o livro e legitimá-lo como produção tipicamente cabo-verdiana, o que de fato, o é. Todavia, o discurso realizado por Afonso Correia, em parte, deixa entrever a relação entre as duas posições da elite cabo-verdiana apontadas acima na citação de Gomes dos Anjos.

Eugénio de Paula Tavares nasceu na Ilha de Brava, no arquipélago de Cabo-Verde, no dia 18 de outubro de 1867, morrendo em 1930, aos 63 anos de idade. Tornou-se órfão logo ao nascer, pois a mãe morreu logo em seguida ao dar a luz. Mais tarde seu pai falece em decorrência da sua participação na guerra da Guiné. A partir desse momento é adotado por seus padrinhos Eugénia Medina Vera Cruz e seu marido, Dr. José Martins Vera Cruz, passando, então, a pertencer a uma família de elite.

Desse modo, explica-se o seu acesso a uma boa educação, a bens materiais e culturais que lhe foram decisivos em sua formação enquanto intelectual e poeta. Apesar da falta de uma escola em Nova Sintra, região central da Ilha da Brava, Eugénio Tavares não obteve o nível de escolaridade chamado de “elementar”, nem mesmo foi possível ao poeta chegar ao nível superior. No entanto, desfrutava de uma ótima biblioteca na casa de seus padrinhos e, ainda, é sabido que estudou com o Padre António de Sena Barcelos, António Almeida Leite e Rodrigo Aleixo, então tidos como homens cultos da elite caboverdiana.

Tavares iniciou a sua vida poética quando tinha apenas 12 anos de idade, e somente com 15 é que estreava como colaborador do **Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiras**. Com 18 anos muda-se para o Mindelo, empregando-se em uma casa comercial conhecida como Union Bazar, continuando a colaborar com a imprensa local. Além de poeta foi ainda jornalista, um “prosador vigoroso e brilhante, como o atestam os seus contos e novelas e os muitos e fulgentíssimos artigos que deixou dispersos por revistas e jornais” (CARDOSO, 1933, p.113).

Sua atuação na vida política de Cabo-Verde, com sua produção jornalística, concedeu a ele lugar de destaque como “figura de intelectual e cidadão, que em tudo e sempre, se manteve coerente com os seus ideais de homem livre” (FERREIRA, 1973, p. 244). Ao mesmo tempo, suas cantigas, escritas na língua crioula, caracterizavam-no como trovador ao gosto popular, tradutor da alma caboverdiana. Dessa maneira, Eugénio Tavares ocupava ao mesmo tempo o lugar da intelectualidade caboverdiana e o de poeta popular.

Após o exílio nos Estados Unidos e o regresso à sua pátria, anos que foram marcados pela vigilância política e denúncia dos problemas mais pungentes das Ilhas, o poeta exila-se novamente, agora por vontade própria, na mesma Ilha de Brava, na casa herdada de seu pai adotivo, na

região de Aguada. Esse outro exílio de Tavares é tido por Luís Romano, como se o poeta tivesse se tornado uma espécie de “eremita”. De acordo com o mesmo Luís Romano, o poeta dessa fase “tenebrosa”, passa a dedicar-se à escritura de mornas em crioulo e aos diálogos com o mar:

Poeta condenado ao isolamento, talvez pela incompreensão humana, talvez por uma determinação sobrenatural, o que nos tortura e prende a atenção é a escolha desse refúgio desterro onde veio consumir os últimos tempos da sua existência, longe de tudo e de todos, mas perto da grande fonte que lhe insuflou energias para evocar e lutar: o Mar! (ROMANO, 1966, p. 28-29).

Eugénio falece, com 60 anos de idade, no dia 1º de junho de 1930, de um ataque súbito do coração. Toda a população de Cabo-Verde vestiu o luto, ou melhor, como disse Pedro Cardoso: “está de luto a musa Caboverdeana”:

Escrevendo essa frase banal, afirmamos uma verdade incontestável. O passamento de Eugénio Tavares, ocorrido a um do corrente, lançado em inconsolável viuvez a Esposa querida e companheira extremosa da acidentada travessia, suscitou de improviso em toda a Província, entre os amigos e admiradores do Poeta, o mais profundo pesar (CARDOSO, 1932, p. 114).

A publicação de Eugénio Tavares, **Mornas cantigas crioulas**, somente foi publicada em fevereiro do ano de 1932, após a sua morte. O responsável pela publicação foi José Osório de Oliveira, escritor português interessado pela cultura caboverdeana. **Mornas cantigas crioulas** tornou-se a mais conhecida obra poética de Eugénio, pois conseguiu “exteriorizar a índole” e os “sentimentos do povo caboverdeano” (TAVARES, 1969, p. 6).

O artigo do intelectual português Afonso Correia, intitulado “A Alma Caboverdeana no livro Mornas de Eugénio Tavares” foi publicado após dois anos da publicação da obra mais conhecida do poeta. O texto de Correia inicia-se com uma descrição do arquipélago de Cabo Verde, que parte de uma comparação: “dez ilhas que são regaços de paz e amor, acomodadas na superfície revolta das águas atlânticas” (CORREIA, 1934). A maneira como Correia organiza o seu texto nos faz perceber a elaboração de metáforas e comparações que irá criar ao longo de seu desenvolvimento, tanto uma imagem de Cabo-Verde, como do seu povo, dos seus poetas e da própria morna.

Assim, “dez regaços de paz e amor” e “superfície revolta das águas” compartilham da formação de uma imagem de Cabo-Verde que se estabelece pela contradição (antítese), pela união de dois elementos tensionados como “paz e amor” e “revolta”. Dessa forma, o arquipélago é descrito como uma “acomodação” da paz e do amor numa superfície revolta, ou seja, há em Cabo-Verde a conciliação de características tensas que, se pensarmos no conceito de imagem advindo da teoria de hibridismo de Homi K. Bhabha seria uma espécie de “substituição metafórica” para a angustiante busca pela identidade, no caso, a identidade mestiça (SOUZA, 2004).

Da descrição das Ilhas, Correia passa à descrição do povo cabo-verdiano, dessa maneira: “seu povo é dócil, honesto e resignado. De uma característica singeleza de costumes, vive em permanente complexidade sentimental” (CORREIA, 1934, p. 03).

Novamente, Correia lança mão de uma imagem que carrega elementos contraditórios: “singeleza” e “complexidade”. A simplicidade de seus costumes entra em contradição com a sua complexidade sentimental, “dócil”, “honesto” e “resignado”, fazem parte do comportamento e da constituição do caráter do cabo-verdiano, todavia, ele revela complexidade em relação aos sentimentos. Mais adiante, Correia deixa entrever o que seria a complexidade sentimental cabo-verdiana: ela está dividida entre duas culturas, entre dois mundos.

Dessa maneira, Correia expõe a complexidade sentimental cabo-verdiana, proveniente da colonização e seu extravasamento por meio da morna, cantiga popular que é comumente conhecida por abarcar toda a “alma cabo-verdiana” (FERREIRA, 1973, p. 163). Patriotismo, herança portuguesa e africana, convivem no espírito do povo cabo-verdiano, portanto, nas palavras de Correia:

Todas as emoções patrióticas logram no coração caboverdeano, um reflexo profundo. As alegrias e tristezas da Pátria fizeram sempre vibrar as almas crioulas. Se as *mornas* têm uma funda candura emocional, é preciso saber-se que elas são o princípio dum grande enclave musical dos clássicos lusos na alma extática da vida africana (CORREIA, 1934).

Correia, apesar de sublinhar a noção determinista de que a África permanecia extática, como que esperando ser dominada e colonizada pelos portugueses, aponta uma das teorias possíveis para a origem da morna, ou de algumas influências que o gênero possa ter sofrido transcorrendo épocas. Ao determinar que a morna é o resultado do “enclave musical dos clássicos lusos” com a “alma extática da vida africana”, propõe a origem da morna no fado:

O fado é a linha de padrão musical a eternizar-se no coração dos portugueses. A *morna* é uma centelha de luz projectada no caminho sentimental dos caboverdeanos. Ouvi-la (...) é sentir uma transposição das canções mais representativas do sentimentalismo português para os campos marenhos das ilhas (*Idem*).

De acordo com Homi K. Bhabha, a mímica no que se refere à identidade é normalmente “atribuída aos colonizados que produzem imagens de si mesmos baseados nos valores da cultura colonizadora” (SOUZA, 2004, p. 122). Assim, Correia descreve a morna de acordo com a mímica da cultura colonizadora, ou seja, a morna é originária do fado português, caracterizado pela designação “clássico luso”, que por sua vez é aventureiro, reforçando a aventura portuguesa nos trópicos. Em oposição está a “alma extática da vida africana”, legitimando, assim, a colonização: a conquista portuguesa dos países africanos, como se esses se encontrassem extáticos à espera de serem conquistados.

Confirmando a teoria de Bhabha sobre a mímica, Correia afirma que ouvir a morna é como “sentir uma transposição das canções mais representativas do sentimentalismo português para os campos marenhos das ilhas” (Idem). Seguindo a linha da presença portuguesa na morna é que Correia chaga às inspirações dos seus poetas-compositores:

O mar e a *morna*, o campo e as lindas raparigas crioulas foram sempre o fulcro à roda do qual giraram as quentes inspirações dos excelentes poetas de cabo Verde. Ler as suas produções é sentir a história amorosa das ilhas (Idem).

Apesar de ainda condizer com certo discurso colonialista, o artigo de Carreira apresenta metáforas que descrevem a obra mornística de Eugénio Tavares, partindo da “história amorosa das ilhas” e alertando para determinadas particularidades do poeta. Assim, para dizer que Eugénio compunha as suas mornas em língua crioula, Correia lança mão da seguinte comparação “O coração do povo das ilhas vibra nos versos de ritmo encantador bordados no dialeto nativo” (CARREIRA, 1934).

“Bordados no dialeto nativo” remete à elaboração das mornas de Tavares em língua crioula, fato que será recobrado por Correia ao final do seu texto, enfatizando que o mornista modificava a grafia da sua língua em favor da poesia. Para o jornalista, Eugénio ao modificar a língua crioula em favor da poesia, realizava um “bordado”, que pretendia abarcar com lirismo um amor tipicamente cabo-verdiano.

O “poeta-cantor modelo do folclor crioulo”, Eugénio Tavares, de acordo com Afonso Correia, traz para o seu público, com a publicação de sua obra *Mornas – Cantigas Crioulas*, uma nova abordagem do tema amoroso, que ora apresenta-se “mórbido”, ora é tomado de “energia máscula”. O sentimentalismo das mornas de Tavares e a característica essencialmente amorosa de seus poemas faz Correia comparar Eugénio a um “Messias”, que traz “na sua bíblia de amor, um sacrário aberto de ternuras” (CORREIA, 1934).

O caráter mórbido, o destaque para as emoções relacionadas ao amor e a comparação à Bíblia, justificam-se pela presença do romantismo e ultrarromantismo portugueses na obra mornística de Eugénio Tavares. Não é segredo a admiração do poeta crioulo pelos portugueses Antero de Quental e João de Deus, sendo que Eugénio dedica ao último o livro *Mornas*.

As mornas de Nhô Eugénio são quase sempre de cunho amoroso, visto que o poeta dedica-se também ao tema da partida. No entanto, o tema amoroso em suas mornas está acompanhado de determinados motivos, que se repetem ao longo das 27 mornas que compõem a sua obra, e merecem análise devida. Os motivos mais evidentes são Deus, a morte e a crecheu. Todavia, não cabe neste artigo uma análise detalhada dos motivos presentes nas mornas, mas sim de enfatizar que a constante presença deles torna possível o resgate aos conceitos de poesia romântica ou ultrarromântica.

Após refletir sobre a diferença dos poetas cabo-verdianos que traduziam em “pura linguagem portuguesa” a “descendência da alma lusa”,

representando modelos advindos da cultura clássica, e aqueles que “legaram produções em crioulo”, Correia propõe uma metodologia para se trabalhar a obra mornística de Eugénio Tavares. Para o estudioso, podemos dividir a análise de **Mornas canções crioulas** em duas partes: “a morfológica” e a “sentimental”.

A análise morfológica, segundo o autor, seria aquela que procuraria na língua crioula a estruturação poética e a sentimental avaliaria as “normas puramente artísticas” (CORREIA, 1934). A língua cabo-verdeana, nas mornas de Tavares, de acordo com Correia, estaria apresentada de forma “modificada”, ou seja,

Sabemos que alguns elementos representativos da mentalidade actual de Cabo Verde não aceitam, de bom grado, as modificações ortográficas que Eugénio introduziu no crioulo, alternando a fisionomia nativa do formoso dialecto (*Idem*).

Apesar de não citar qualquer exemplo que pudesse elucidar a sua fala, Correia admite não concordar com esses “elementos”, pois ele afirma que por não possuir, naquela época, uma gramática com as regras determinadas da língua, não se poderia dizer o que estaria correto e relação ao idioma

Discordamos dos defensores do primitivismo ortográfico do crioulo, porque este nunca teve regras codificadas que nos obriguem a respeitar a sua etimologia reconhecida nem mesmo os homens que o utilizaram, como expressão literária do pensamento, se entregaram à fixação dessas regras (*Idem*).

Já que a língua crioula, na década de 30, ainda não tinha estabelecido e fixado regras gramaticais, Afonso Correia parte do embate entre as obras de Eugénio Tavares e José Bernardo Alfama para concluir sobre as modificações realizadas pelo primeiro. Ou seja, Correia encontra na obra **Canções crioulas e músicas populares de Cabo Verde**, 1910, uma base para estudar o crioulo e verificar as diferenças da língua quando passa à escrita. Assim, enfatiza

Antes de Eugénio Tavares apenas conhecemos o crioulista convicto, entusiasmado, que se chamou José Bernardo Alfama. Eugénio Tavares foge bastantes dos moldes gráficos deste valoroso caboverdeano. Mas Eugénio, pelo seu talento, pelo seu poder lírico, pela graciosidade e maviosidade de seu espírito, tinha direito a imprimir ao dialecto da sua adoração as modificações gráficas que lhe fossem ditadas pelo grande carinho que lhe devotava e pelas necessidades de modelação da sua preciosa obra (*Idem*).

A análise sentimental, de acordo com o que explica Afonso Correia, está ligada diretamente ao aspecto morfológico, visto que é na língua crioulo que Eugénio irá criar uma obra mais humana, “ao ritmo de seu generoso coração”:

Eugénio foi um poeta de rica expressão, de farta terminologia, de um lirismo enternecido, usando da língua materna. Mas ao utilizar o crioulo, foi mais humano, mais comovedor, mais à altura da sua

craveira sentimental, mais apegado ao ritmo das palpitações do seu generoso coração (*Idem*).

Portanto, o que tenta demonstrar o intelectual Afonso Correia a respeito da obra poética em língua crioula de Eugénio Tavares, é justamente a construção de uma poesia tipicamente cabo-verdiana. Assim, Nhô Eugénio constrói em sua língua (a cabo-verdiana) uma literatura cheia de lirismo refinado, não porque traz para a nascente literatura cabo-verdiana temas e motivos da literatura ocidental, portuguesa, mas porque converte, subverte e transforma em algo novo aquilo já existente, traz para a realidade cabo-verdiana temas e variações da literatura ocidental (portuguesa), realizando a mescla com ingredientes apreciados na e pela cultura cabo-verdiana.

Apesar de ainda apresentar em alguns momentos traços de colonialismo e do interesse verificado na elite crioula dos liceus, que pretendiam legitimar os grandes feitos de seus homens ilustres, seus grandes escritores e poetas, a proposta de análise da obra de Eugénio Tavares por Afonso Correia, é de grande valia e não precisaria ser dividida em duas partes – morfológica e sentimental –, mas articuladas em uma mesma análise, pois é impossível separar o sentimentalismo ou o lirismo verificado nas mornas de Eugénio e a sua língua materna.

ABSTRACT

Morna, poetic and musical genre from Cape Verde emerged between the eighteenth and nineteenth centuries. It probably originated on the island of Boa Vista, but that is present throughout the archipelago. Accompanied by string instruments, especially the guitar, shows the warm sentimental themes such as love, the departure and insularity. The language of the morna is the capeverdean language. We will discuss here the article published in The Echo of Cape Verde, titled "The soul of Cape Verde in the book *Mornas*, by Eugenio Tavares", written by Afonso Correia in 1934. Thus, we review a criticism on the most relevant of Eugenio Tavares poems discussing issues on the meeting of morna and characteristics of nationality by literature.

Key words: Morna; Eugénio Tavares; Cabo Verde; Literature.

REFERÊNCIAS

ALFAMA, José Bernardo. *Canções crioulas e músicas populares de Cabo Verde*. Lisboa: Imprensa Commercial, 1910.

BHABHA, Homi K. *Da Mímica e do Homem – a ambivalência do*

discurso colonial. In: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CARDOSO, Pedro. **Folclore caboverdiano**. Lisboa, Edição da Solidariedade **Caboverdiana** de Paris (1932) 1983.

CORREIA, Afonso. A alma caboverdeana através do livro **Mornas** de Eugénio Tavares. In: **O eco de Cabo-Verde**. Praia, 28 de Fevereiro de 1934.

TAVARES, Eugénio. **Mornas: Canzoni Creole**. Nápolis: Guida, 2005.